

Diálogo entre Gilberto Freyre, Mário de Andrade, Luís da Câmara Cascudo e a Cultura Brasileira

Raimunda de Brito Batista¹

Resumo

A Cultura Brasileira vista por três intelectuais da mesma geração e a tentativa de interpretação da realidade cultural brasileira e de sua identidade, através das manifestações populares. Gilberto Freyre, Mário de Andrade e Luís da Câmara Cascudo, embora divergissem em alguns pontos, tinham como objetivo a valorização da cultura a partir das nossas origens.

Palavras-chave: Cultura Brasileira, cultura popular, modernismo, regionalismo.

BATISTA, R. de B. Diálogo entre Gilberto Freyre, Mário de Andrade, Luís da Câmara Cascudo e a cultura brasileira. *UNOPAR Cient., Ciênc. Hum. Educ.*, Londrina, v. 1, n. 1, p. 17-21, jun. 2000.

A proposta deste trabalho é discutir Gilberto Freyre e sua obra, neste ano em que completaria 100 anos. Para evitar repetições desnecessárias sobre esse autor sobejamente conhecido e das mais variadas formas homenageado, optei por estabelecer um confronto entre ele e dois igualmente grandes estudiosos e conhecedores da Cultura Brasileira, por considerá-los produtos de um mesmo momento cultural brasileiro e construtores de pontos de vista mais ou menos similares do Brasil.

Pretendo não incorrer na banalização da contemporaneidade (os três pertenceram a uma mesma geração, com pouca diferença de idade entre eles), nem na superficialidade que essa noção pode implicar.

Contudo, a utilização da perspectiva de geração poderá ser o primeiro passo para uma análise mais verticalizada do que representou e representa até hoje a obra de Gilberto Freyre, Mário de Andrade e Luís da Câmara Cascudo.

As décadas de 20,30 e 40 constituíram um período rico em mudanças nas estruturas sociais e nas idéias, no Brasil. São freqüentes os discursos sobre o conceito de nação e de identidade nacional, e acentua-se a idéia de nacionalismo sobretudo com o advento do Modernismo.

O Movimento Modernista, do qual Mário de Andrade é considerado o mestre maior, rompe as barreiras do pensamento tradicional na estética, na literatura, nas artes plásticas e na música. Os intelectuais brasileiros sentem necessidade de organizar a cultura e de falar em nome do povo. Pensam em organizar a sociedade e investem na criação de instituições culturais.

Acentuando a perspectiva do Modernismo, podemos considerar as décadas de 20, 30 e 40 como aquelas em que Mário de Andrade preocupou-se com tudo o que dizia respeito à Cultura Brasileira. Leu Marx, Freud, Frazer, Lévi-Bruhl, Durkheim. Conheceu e estudou sociólogos e antropólogos brasileiros, entre eles, Manuel Bonfim, Oliveira Viana, Gilberto Freyre e Câmara Cascudo.

A Cultura Brasileira era, para Mário de Andrade, tradição, nacionalidade e originalidade, que lhe permitiriam formar o que chamou de nacionalismo estético.

Buscou resolver as tensões da modernidade através das oposições entre popular/erudito, arte pura/arte interessada, tradição/passadismo e particular/universal.

¹ Docente de Cultura Brasileira pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Mestre e Doutoranda em Literatura Brasileira pela USP/São Paulo. Endereço para correspondência: Av. Paris, 675. Jardim Piza. 86041-140. Londrina, Paraná, Brasil.

Interessou-se pela arte popular, pelo folclore, pela arte erudita e pelo Barroco. Teve, como projeto, fazer com que o povo vivesse a sua cultura para se reconhecer como Nação. Sua posição política perante a arte era vista como fundamental para a organização da vida coletiva. Daí o seu interesse pelo compromisso social da arte. Defendeu as manifestações coletivas através da língua falada, dos ritos sociais; dos folguedos; das danças dramáticas; da literatura de cordel; da cantoria e dos cantadores populares.

Para ele a pesquisa etnográfica e o contato com os produtores de cultura eram de extrema importância. Sua produção, realizada a partir de seus estudos e viagens, mostra a seriedade dos conceitos de cultura, símbolo, arte, estética, ética, folclore, que lhe permitiram definir e conceituar a Cultura Brasileira. O seu trabalho pode ser associado ao que se chama atualmente de “nova etnografia” - encontro entre pesquisador e pesquisado.

Mário de Andrade propõe o retorno ao passado mas com critérios, com crítica. O passado tem como finalidade desvendar tradições que possam levar à compreensão do presente e a novas perspectivas para o futuro.

A história passa a ter novo conceito com o advento do Modernismo – não é só passado, presente, futuro, mas valorização do lúdico, do criativo, da preguiça, funcionando como caracteres culturais. Em 1926 percebe a realidade via cultura, buscando as manifestações folclóricas. Em 1927 conceitua o Homem brasileiro. Viaja pelo Norte e Nordeste e tenta construir uma visão crítica sobre o povo brasileiro, valorizando o mestiço.

O pensamento de Mário de Andrade e de seus contemporâneos revela sensibilidade para com o seu tempo, fazendo-os, desse modo, estabelecer divisão da tradição em móveis e imóveis. As chamadas tradições móveis são consideradas mais passíveis de expressar o sentimento popular de contemporaneidade, visto que aí pode-se visualizar uma nova leitura do futuro, utilizando-se criticamente a tradição. Já as tradições imóveis representam a cultura em seu estado puro, inalterado, sem possibilidades de mudanças, mas igualmente importantes para o conhecimento da Nação.

Os sintomas da Cultura Brasileira estão expressos em 3 obras de Mário: *Clã do Jabuti* - representação de elementos populares e do passado; *Amar - Verbo Intransitivo* - o presente urbano e a burguesia e *Macunaíma* - totalidade do povo brasileiro, no presente e no passado, no urbano e no rural, com intensa presença do folclore e da cultura popular brasileira.

Mário quer compreender e desvendar a Cultura Brasileira. Para compreendê-la, visita o folclore, a vertente popular, as fontes, além de completar a sua formação sobre as três etnias, com leituras tomadas de Manuel Bonfim, Oliveira Viana, Euclides da Cunha e Gilberto Freyre. Com Câmara Cascudo, além das leituras e visita “etnográfica” feita ao Nordeste Brasileiro no final da década de 20, mantém intensa e profícua correspondência.

A mestiçagem, também vista por Freyre em *Casa Grande & Senzala*, como modelo positivo de relações sociais, de regras e normas, é valorizada por Mário de Andrade, apesar de discordar do sociólogo pernambucano quanto às definições de região e tradição.

Para Mário, a riqueza da Cultura Brasileira está na contribuição, melhor dizendo, na ligação íntima entre as culturas negra, índia e branca. Segundo ele, era possível atingir o universal através de expressões particulares, nacionais. Rejeita a proposta regionalista e critica as posições regionalistas de Euclides da Cunha e de Gilberto Freyre, denunciando, neste último, a visão apoteótica do nordestino e do patriarcalismo rural. Contudo, considera satisfatória a explicação dada em *Casa Grande & Senzala* sobre “a indolência do índio decorrente de um estágio culturalmente inferior ao do negro, mais apto ao trabalho sistemático”. As qualidades do índio e do negro, estudadas pelos autores da época, estão cheias de características idealizadas, por vezes preconceituosas, distantes do que hoje é possível explicar cientificamente.

Mário acreditava numa cultura brasileira que valorizasse o passado, as tradições culturais. Para isso era a favor da criação de museus que contivessem arqueologia; folclore; história; arte; ar livre e

indústria. Pregava visitas obrigatórias acompanhadas de explicações inteligentes, a fim de que houvesse uma boa formação e compreensão da nossa história e das nossas tradições, sobretudo pelas crianças.

Como Gilberto Freyre e Mário de Andrade, Luís da Câmara Cascudo, professor e historiador potiguar, é também uma personagem múltipla: historiador, etnógrafo, antropólogo, folclorista, memorialista, cronista e romancista de costumes. Sua obra evoca pessoas, lugares, andanças urbanas e rurais.

Apesar de se considerar um “provinciano” incurável, jamais tendo vivido longe de sua pequena cidade, Natal, no Rio Grande do Norte, Câmara Cascudo perscrutou o mundo, seus hábitos, suas diferenças e sua cultura, buscando compreender a cultura brasileira. A sedução dos convites o fez arraigar-se mais e mais à sua Pasárgada, onde não só era amigo do Rei, mas dos vaqueiros e cantadores, dos pescadores, dos macumbeiros, das pretas velhas contadoras de histórias, dos seresteiros, da gente do litoral e do sertão. Viajou ao exterior para ver, observar, anotar, pesquisar e reunir matéria para a sua vasta obra. Estudou a cultura do dia-a-dia e todas as formas de trabalho distinguindo educação de instrução, e cultura de inteligência. Pesquisou todas as nuances da Cultura Popular, sobretudo através das fontes orais, buscando caminhos alternativos para a interpretação da Cultura Brasileira. A importância que deu aos relatos pessoais assegura a transmissão das experiências coletivas que espelham visões do mundo, a partir daqueles chamados excluídos da História.

Nas suas pesquisas, valorizou o homem simples e suas relações interpessoais. Criou a *primeira associação dedicada às coisas populares*. Além de pesquisar a poesia, o conto e os costumes do Nordeste brasileiro, desvendou a Mário de Andrade, no verão de 1928-29, a cultura popular nordestina, despertando e acentuando no intelectual paulista o interesse e a busca pela documentação das manifestações populares e o posterior reaproveitamento em sua obra. Escreveu durante mais de 50 anos sobre os mais variados assuntos, desde a história de sua província aos contos populares ouvidos da boca de velhas contadoras de histórias. Recolheu das mais diversas fontes a cultura popular do nordeste, pesquisou a arte religiosa, a linguagem, a música, a cantoria, os cangaceiros. Visitou a África onde colheu material para a sua *História da alimentação no Brasil*. Reafirma e valoriza a importância da literatura oral como base para nosso conhecimento da Cultura Brasileira.

Gilberto Freyre é um dos intelectuais mais importantes do período do Modernismo, e participa do movimento, sobretudo no Recife, onde lança o Manifesto Regionalista em 1926. Relaciona-se com os mais representativos integrantes do Modernismo no Rio e em São Paulo, que buscavam revolucionar os cânones estéticos e literários, contestavam a cultura dominante, procuravam as raízes da Cultura Brasileira, abominavam o atraso cultural do país e buscavam uma identidade nacional. Mantém com os modernistas do Rio de Janeiro e de São Paulo uma certa posição de distanciamento, haja vista a entrevista de março de 1980 à revista Playboy, onde criticou ferozmente a Semana de Arte Moderna e os intelectuais paulistanos e elogiou fartamente o Movimento Regionalista por ele criado em 1926.

As décadas de 20,30 e 40, acima relacionadas, são férteis em obras que buscam explicar o Brasil:

- 1928 – *Macunaíma*, de Mário de Andrade;
- 1933 - *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre;
- 1936 - *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda;
- 1942 - *Formação do Brasil Contemporâneo*, de Caio Prado Junior.

A sociedade brasileira passa a ser estudada sob a perspectiva da cultura e da história, e pensar o Brasil como cultura representou um grande avanço no pensamento social daquele momento.

Os modernistas sofreram forte influência de Graça Aranha, entre eles Gilberto Freyre. Para Graça Aranha tornava-se necessária uma revisão do nosso passado cultural, a fim de tornar possível a construção do novo projeto de uma cultura nacional e a importância da renovação da cultura pela arte, visando a um projeto artístico nacional.

O passado visitado pelos modernistas tem um gosto de revelação. Gilberto Freyre fala, numa atitude quase proustiana, na introdução de *Casa Grande & Senzala* que “estudando a vida doméstica dos antepassados, sentimo-nos aos poucos a nos contemplar, é outro meio de procurar o tempo perdido”. Lúcio Costa, citado por Freyre na introdução do mesmo livro, também tem essa “revelação” ao visitar as cidades mineiras e a sua arte do período colonial.

Nessa época, em que os três intelectuais ensaiavam brilhantemente como compreender o Brasil, busca-se o passado colonial para melhor conhecê-lo. Até então pouco valorizado, o que se falava desse passado era de nossa herança de degredados, povo mestiço e inferior que não possuía cultura e muito menos civilização.

Gilberto Freyre distancia-se das correntes de pensamento vigentes no Brasil, e adota o culturalismo, corrente de pensamento que vem substituir o evolucionismo. O culturalismo é proposto por Franz Boas, antropólogo tcheco, naturalizado americano, e seu professor na Universidade de Colúmbia. Freyre inaugura, pois, nova atitude como pesquisador, privilegiando a pesquisa empírica, os documentos e arquivos, além da história oral, dos diários, entre outros. Vai em busca do estilo de vida no Brasil colonial; até então não se cogitava a idéia de cultura brasileira, o que havia era raça brasileira.

Os modernistas querem conhecer o passado brasileiro para descobrir um futuro para o Brasil. Freyre privilegia os séculos XVI e XVII como o tempo do surgimento da Nação Brasileira. Os modernistas mineiros e paulistas situam a origem da Cultura Brasileira no século XVIII, dentro do período Barroco. Esse grupo é formado por Mário de Andrade, Rodrigo de Melo Franco, Carlos Drummond de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda.

O projeto dos modernistas tinha as mesmas características tanto para os modernistas do Sudeste como para os do Nordeste; mostrar o Brasil através de suas manifestações culturais. Uns se preocupavam com a arquitetura barroca; Freyre com as relações sociais, os doces e a culinária, a casa grande e a senzala, os sobrados e mucambos, o cheiro, a forma, a cor, isto é, os variados fenômenos e mistérios que faziam e ainda fazem a Cultura Brasileira.

O ideal de modernidade era voltar-se para o passado, incorporar a tradição, mas não com nostalgia, e sim pensando na construção do futuro. Essa prática é acentuada em Gilberto Freyre: uma tradição progressiva que vai incorporando novos elementos e onde o passado é reinterpretado.

Os românticos idealizavam o passado. Gonçalves Dias e José de Alencar foram os que mais privilegiaram a natureza e seus habitantes. O índio era maravilhoso e a natureza tropical, grandiosa.

A explicação da Cultura Brasileira através da cultura é fecunda e revela nossa multiplicidade. A calma nordestina não é sinal de indolência, nem de apatia, nem das questões climáticas; é antes a instalação do homem no seu próprio meio ambiente. Explicação freyreana que coincide com a de Mário de Andrade quando retrata a preguiça em Macunaíma.

Em Freyre, subjaz a noção de que para contar a história de uma Nação não é preciso grandes feitos ou grandes homens, mas o relato da vida cotidiana, o imaginário social e a descrição da realidade através de testemunhos e de documentos vários.

Gilberto Freyre é personagem controverso, acusado de progressista e conservador, democrata e autoritário. Ele mesmo se considera sociólogo, antropólogo, escritor, historiador social, mas antes de tudo foi um fecundo contador de histórias que tenta entrar no mundo que descreve colocando-se do ponto de vista do “homem, do adulto, do branco, mas também do menino, da mulher, do indígena, do negro, do afeminado e do escravo.” O seu método, chamado relacional, entendia que a existência da natureza humana significava a existência de uma cultura. O que é próprio do homem e típico de sua natureza? A cultura. Ela está nos atos do trabalho, do lazer, da vida cotidiana, da fala, da comunicação, da modificação do meio onde o homem vive.

Julian Marías, estudioso da obra de Freyre, ressalta no autor aquilo que ele buscava exercitar na compreensão do homem:

- “quem” e não “quê”
- “alguém” e não “algo”
- “pessoa” e não “coisa”.

Entender a cultura brasileira, a partir, por exemplo, da rotina da casa-grande é levar a pesquisa em busca de novas fontes metodológicas como jornais, fotografias, diários, livros de etiqueta e de razão, registros de batizados e de óbitos, cadernos de receitas, fontes que testemunham a vida privada, o cotidiano da vida social, o imaginário popular e que já estão sendo valorizados na França de 1920, dando início à chamada “Nouvelle Histoire”.

Dessa maneira, Freyre é considerado por Fernand Braudel, um dos iniciadores da “Nouvelle histoire,” como o precursor desse movimento no Brasil, com base nos estudos e pesquisas realizadas pelo escritor pernambucano.

Bibliografia

- ANDRADE, Mário de, LOPEZ, Telê Porto Ancona (Org.). *Entrevistas e depoimentos*. São Paulo : T. A. Queiroz, 1983.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura oral no Brasil*. Rio de Janeiro : J. Olympio, 1978.
- _____. *História da alimentação no Brasil*. São Paulo/Belo Horizonte : USP/ Itatiaia, 1980. 2v.
- COSTA, Américo de Oliveira. *Viagem ao universo de Câmara Cascudo*. Natal : Fundação José Augusto, 1969.
- FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala*. Rio de Janeiro : J. Olympio, 1978.
- _____. *Assombrações do Recife velho*. Rio de Janeiro : J. Olympio, 1970.
- LOPEZ, Telê Porto A. *Mário de Andrade: ramais e caminho*. São Paulo : Duas Cidades, 1972.
- VELOSO, Marisa et al. *Leituras brasileiras: itinerários no pensamento social e na literatura*. São Paulo : Paz e Terra, 1999.

A dialogue among Gilberto Freyre, Mário de Andrade, Luís da Câmara Cascudo and Brazilian Culture

Abstract

This article deals with Brazilian Culture seen by three intellectuals belonging to the same generation and with the attempt to interpret the reality of Brazilian Culture and its identity through culture manifestations. Gilberto Freyre, Mário de Andrade and Luís da Câmara Cascudo, though do not agree in some points, have as objective the valuation of culture having as standpoint our origins.

Key words: Brazilian Culture, popular culture, modernism, regionalism.

BATISTA, R. de B. A dialogue among Gilberto Freyre, Mário de Andrade, Luís da Câmara Cascudo and Brazilian Culture. *UNOPAR Cient., Ciênc. Hum. Educ.*, Londrina, v. 1, n. 1, p. 17-21, jun. 2000.

